

MUITO BARULHO POR QUASE NADA

Teerã vetou Moscou e Paris na nova rodada de negociação sobre seu programa nuclear. A tensão cresceu, mas a meta ainda parece ser a de chegar a um acordo

por Flávio Dieguez

TERMINOU sem acordo e com algumas demonstrações de força a nova rodada de negociação em torno do programa nuclear iraniano, no dia 17 de janeiro, em Nova York, que reuniu os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU – EUA, Inglaterra, França, Rússia e China – mais a Alemanha. O grupo é conhecido pela sigla P5+1.

Uma série de manobras militares dos EUA no Golfo Pérsico, duas semanas depois da reunião, foi vista pela imprensa como um indício de possíveis entreveros, especialmente porque, nos dias anteriores, o comandante das forças americanas no Oriente Médio, general David Petraeus, tinha dado declarações sobre “a ameaça que o Irã representa para seus vizinhos”.

No mesmo dia, ampliando as especulações bélicas, o Irã anunciou a construção de três novos satélites e o modelo de um novo foguete, ainda em projeto. A tensão internacional realmente está mais alta do que no final do ano passado. Mas o objetivo das manobras americanas não foi confirmado pelo governo: a ideia de que se estava montando um “escudo de proteção” para os vizinhos árabes do Irã veio de uma fonte não identificada. Não houve desdobramento.

Os satélites iranianos, por sua vez, eram parte da comemoração do 31º

aniversário da Revolução Islâmica, e o foguete que apareceu nas fotos – algumas com o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, em segundo plano – não é militar.

O Kavoshgar 3, principal lançador orbital do Irã, realmente tem a força de um míssil balístico. Isso levou alguns jornais a destacar “a proximidade entre os programas espacial e militar do Irã”, como mencionou o site inglês *The Guardian*, citando um especialista em defesa dos EUA. Mas o anúncio das novas façanhas iranianas por Ahmadinejad não era uma exibição de poder militar, e sim científico.

“Com a ajuda de Deus”, disse ele à TV, “cientistas [iranianos] serão enviados ao espaço e de lá vão observar o universo.” E concluiu: “É na arena científica que poderemos derrotar a dominação [do Ocidente]”. Tirando a propaganda, os satélites são simples e aparentemente serão usados em telecomunicações. Apenas um deles, simbolicamente, levava passageiros: um rato, duas tartarugas e algumas minhocas.

A reunião em Nova York não foi exatamente tensa, como se os principais atores já esperassem o impasse. Uma semana antes do encontro, a China trocou seu principal negociador, o vice-primeiro-ministro He Yafei, por um funcionário de

menor escalão. A baixa expectativa foi enfatizada nos relatos da agência oficial de notícias da China, *Xinhua*.

“Com o tempo acabando”, relata uma das reportagens, “o Ocidente pressionava por sanções contra o governo iraniano e a Guarda Revolucionária, enquanto a China e a Rússia propunham a continuação da diplomacia”. A Guarda Revolucionária, base das Forças Armadas, tem sido apontada como alvo preferencial de uma possível rodada de sanções ao Irã, em vista do apoio que dá ao governo Ahmadinejad.

Dito isso, houve mesmo um aumento da tensão, mas menor em relação ao Irã do que à China – apontada pela secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, como um entrave nas negociações. No início de fevereiro, em Paris, ela disse que a China corria o risco de “insegurança econômica e isolamento diplomático” se continuasse contrária às sanções contra o Irã.

O problema é que nem dentro dos EUA existe acordo sobre isso. No começo de janeiro, vários grupos empresariais americanos, inclusive a Câmara de Comércio, disseram que as sanções “mais atrapalhavam do que ajudavam”. Os empresários juntaram os argumentos numa carta e a enviaram ao conselheiro de Segurança do governo, Jim Jones.

O Shahab 3 iraniano teria tecnologia inédita para lançar ogivas múltiplas. Os EUA estariam pressionando os inspetores da ONU a bisbilhotá-lo, acusam jornalistas americanos. O Kavoshgar 3, lançado agora, não é militar

A carta diz que as sanções, já aprovadas na Câmara americana e em consideração no Senado, são “unilaterais, extraterritoriais e vagas”. Acrescenta que “a história de esforços similares [...] demonstra que a abordagem unilateral [...] resulta em respostas negativas por parte dos aliados”.

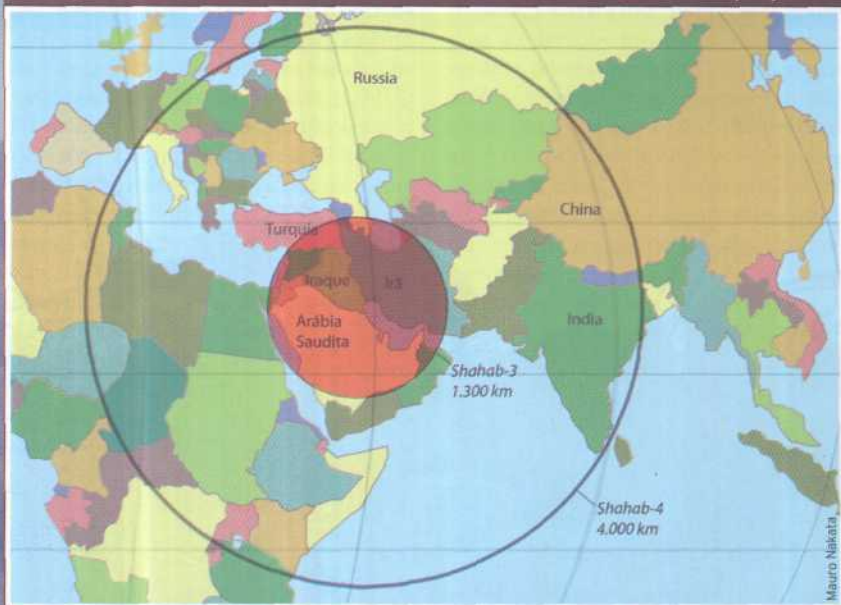
Não surpreende, em vista disso, que o Irã tenha mencionado um tradicional aliado dos EUA, o Japão, como possível substituto da Rússia e da França no plano que vem sendo costurado pelo P5+1. A ideia é que o Irã continue desenvolvendo sua tecnologia nuclear, mas utilize urânio processado no exterior, em algum país de confiança da comunidade internacional.

Todos os lados aceitam essa ideia, mas há desacordo sobre como se faria o repasse das reservas de urânio bruto que o Irã acumulou nos últimos anos. O principal obstáculo, de acordo com os dados divulgados pela imprensa, é que o Irã quer fazer a troca por partes: entrega uma pequena quantidade de cada vez e recebe o mesmo tanto, cinco ou seis meses depois.

França e Rússia se dispuseram a processar o urânio bruto até um nível

Autonomia armada

Com o Shahab 3, recém-construído, o Irã dominou uma tecnologia avançada de mísseis. Seu sucessor com maior alcance, está em projeto



suficiente para uso pacífico, alguém do necessário para uma detonação nuclear. Por algum motivo, porém, o Irã vetou a dupla, sugerindo alternativas e apontando como possíveis escolhas o Japão, a Turquia e o Brasil.

A menção do Japão é interessante porque um japonês, Yukiya Amano, acaba de tomar posse como novo diretor da Agência Internacional de Energia Atômica, da ONU, que tem a função de verificar se são mesmo pacíficas as intenções dos países signatários do Tratado de Não Proliferação Nuclear.

Visto como o candidato dos europeus e americanos para a vaga do egípcio El Baradei – que há anos vem chancelando as intenções pacíficas do Irã em seus relatórios –, Amano reperiu a dose, dizendo desconhecer evidência razoável de uma bomba iraniana.

Não está claro o motivo do veto iraniano à França e à Rússia. Uma possibilidade é que americanos e europeus, em vez de uma troca parcelada, prefeririam que a maior parte das reservas fosse entregue de uma vez – como garantia de que o Irã, depois de ter assinado o acordo, não começará a produzir bombas realizando ele mesmo o processamento necessário.

Seja como for, vem ganhando peso a opinião segundo a qual a falta de acordo está desgastando mais os EUA do que o Irã – no sentido apontado pela carta

dos empresários americanos. Um outro exemplo foi a resposta do ex-embaixador americano Chas Freeman ao ser questionado pela agência IPS sobre a perspectiva de confronto militar. Ele disse que achava a questão nuclear menos importante. “A preocupação com o Irã”, disse, “tem a ver com seu prestígio político.”

Ele se refere às articulações que o Irã vem fazendo na ONU e com a maioria dos países asiáticos dentro da orientação de “olhar para o leste” adotada pelo ministro do Exterior, Manoucher Moutaki. Os iranianos também vêm tentando ressuscitar o antigo grupo dos Países Não Alinhados (que originalmente se opunham tanto aos EUA quanto à extinta União Soviética). Por fim, relacionam-se bem com países africanos e sul-americanos.

Em contraposição, os EUA continuam distantes da proposta de diálogo e multilateralismo que viria substituir o unilateralismo e a política de confronto do ex-presidente George W. Bush. Em relação à China, por exemplo, a tensão está longe de se resumir ao Irã: envolve também o fornecimento de armas para Taiwan, que vem aumentando muito as despesas militares, e o apoio ao Nepal.

Nos dois casos, as atitudes americanas levam a um aumento da tensão, visto que o governo chinês considera Taiwan e o Nepal partes integrantes da China. ■